

13º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2022

PLANTAS E PODER: O LUGAR DAS PALMEIRAS NO IMAGINÁRIO URBANO DA SÃO PAULO CONTEMPORÂNEA

SANTOS MARQUES, Anne Caroline¹, CARMONA-RIBEIRO, Ana Carolina²

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Câmpus São Paulo, anne.marques@aluno.ifsp.edu.br.

² Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo, IFSP-SPO, São Paulo/SP; ana.carmona@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 6.04.04.01-9 - Desenvolvimento Histórico do Paisagismo

RESUMO: A pesquisa investiga como as plantas da família Arecaceae, as palmeiras, contribuem para a constituição do imaginário arquitetônico, paisagístico e urbanístico associado aos empreendimentos de alto padrão, na São Paulo contemporânea. Considerando a longa tradição paisagística e a importância social e cultural dada a estas plantas no Brasil – que data desde o século XIX pelo menos – esta pesquisa busca compreender o simbolismo que elas carregam ainda nos dias de hoje – reavivando significados como distinção social, riqueza e ordem, e, ainda, trazendo à tona novas noções ligadas ao mundo do consumo e da mercadoria, ao luxo e ao espetáculo, reiterando e renovando as ligações entre paisagismo e poder. A metodologia utilizada no trabalho foi a de revisões bibliográficas; levantamento online da presença de palmeiras em projetos paisagísticos de empreendimentos habitacionais, comerciais e corporativos em São Paulo; entrevistas com os paisagistas e escritórios responsáveis por estes projetos; e a análise dos projetos por meio de fotos e renderizações.

PALAVRAS-CHAVE: História do paisagismo, Imaginário botânico, Arecaceae, Mercado imobiliário

PLANTS AND POWER: THE PLACE OF PALM TREES IN CONTEMPORARY SÃO PAULO'S URBAN IMAGINARY

ABSTRACT: The research investigates how the plants of the Arecaceae family contribute to the constitution of the architecture, landscape, and urban imaginary associated with high-end projects in contemporary São Paulo. Considering the long landscape architecture tradition, and the social and cultural importance given to palm trees in Brazil — which dates back to the 19th century — this research seeks to understand the symbolism they still carry today associated with social distinction, richness, and order. It also investigates how these plants communicate to the world of consumption and merchandise, luxury and spectacle, connecting landscape and authority. The research methodology included a bibliographical review; an online survey about the use of palm trees in residential, commercial, and corporate landscape architecture in São Paulo; interviews with landscape architects and offices; and the image analysis of photographs and renders of selected landscaping projects.

KEYWORDS: History of landscape architecture; Botanical imaginary; Arecaceae; Real estate

INTRODUÇÃO

A pesquisa parte da constatação de que – além da inegável desvalorização do verde nas cidades brasileiras, com uma urbanização predatória em relação à natureza, certas plantas podem assumir o papel de importantes “símbolos vegetais” nas grandes cidades. Neste sentido, elas passam a participar dos chamados imaginários urbanos, ou seja, dos modos de pensar e sentir dos cidadãos – a partir dos quais o espaço público conforma-se não apenas como fato físico e como elemento do pensamento social (SILVA, 2014, p. 224). Na medida em que estes imaginários fazem emergir “desejos, crenças, valores, mitos, histórias do que a cidade era, é e deve ser” (VERA apud GROSSI,

2021, p. 4), o estudo de determinadas espécies ajuda a compreender a formação das cidades e as suas configurações, na dialética entre natureza e cultura, real e imaginado, a vivência dos lugares e as imagens criadas para representá-los.

Em São Paulo, tal processo de simbolização pode se ligar tanto a indivíduos vegetais específicos quanto a espécies que, plantadas por toda a parte, por vezes ultrapassam o seu sentido propriamente botânico – passando a expressar a visão de mundo de seus habitantes ou governantes. É este o caso das palmeiras – família botânica que ocupa a maior parte das regiões tropicais do planeta (LORENZI, 2010, p. 9), e que, no Brasil, conta com 385 espécies distribuídas por todo o território – dentre as quais destacam-se o jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), a jussara (*Euterpe edulis*) e o açazeiro (*Euterpe oleracea*). A morfologia das *Aceraceae*, compostas por estipe, palmito e coroa, é bastante particular, permitindo a sua fácil identificação, sendo assim muito marcante em projetos paisagísticos.

Na virada do século XIX para o XX a palmeira imperial (*Roystonea oleracea*) é a principal *Arecaceae* utilizada na cidade de São Paulo, em projetos como o da remodelação do Vale do Anhangabaú (1918) e o Teatro Municipal (1911) – sendo, neste último, “associada a um dos símbolos da riqueza trazida pelo café: o teatro, lugar do espetáculo” (D’ELBOUX, 2006, p. 244). A partir do final do século XX e no momento atual, a *R. oleracea*, ainda que onipresente, ganha a companhia de outras espécies de palmeiras exóticas como ela. Novos significados parecem emergir, com a associação entre o imaginário da tropicalidade e o imaginário do luxo e do consumo, permeados pelos ideais de monumentalidade, grandeza e distinção social tradicionalmente simbolizados pelas palmeiras – a ponto de autores como Cardim (2022, p. 69) se valerem do termo “palmeirização” para explicar a moda paisagística em que as palmeiras passam a ser as protagonistas do projeto, colocando outras plantas como coadjuvantes.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa organizou-se em três eixos. Primeiramente, realizou-se uma caracterização e descrição botânica, ecológica e morfológica da família *Aceraceae*. Em seguida, estudou-se um primeiro caso emblemático de projeto que se vale das palmeiras para engrandecer ainda mais sua fachada: o Shopping Iguatemi, o primeiro shopping center do Brasil. Por fim, procedeu-se a um levantamento de quais são as espécies mais utilizadas em 18 empreendimentos de alto padrão na cidade de São Paulo (escolhidos por apresentarem projetos nos quais as palmeiras têm um lugar de destaque); analisou-se além disso os motivos para a escolha destas espécies e suas formas de plantio. Tal levantamento foi feito por meio de pesquisa em sites de viveiros; visitas a horticultores especializados; levantamento online de informações e imagens de empreendimentos imobiliários que utilizam palmeiras; entrevistas com paisagistas atuantes no mercado (que não foram identificados). A partir desta pesquisa elaborou-se um quadro resumo (Quadro 1), com os empreendimentos a serem estudados.

QUADRO 1. Principais empreendimentos levantados

Nome do empreendimento	Inauguração	Nomes populares	Espécies utilizadas (a verificar)	Localização das palmeiras	Paisagista responsável
Brasília Square Office	2022	Palmeira imperial	<i>Roystonea oleracea</i>	Fachada	Não identificado
Airport Offices	2014	Tamareira-anã	<i>Phoenix roebelenii</i>	Corredor interno	EFK exteriores
Augusta Corporate	2018	Palmeira imperial	<i>R. oleracea</i>	Fachada	Soma
BTC Business Tropical Center	2016	Tamareira-anã	<i>P. roebelenii</i>	Corredor interno	Não identificado
Casa Jardim Jaú by You,inc	2024	-	Genéricas	Fachada	Ricardo Cardim
Ekko Live Alpha One	2024	Pinanga	<i>Pinanga coronata</i> , genéricas	Fachada, piscinas, entrada,	Marcelo Vassalo
Fasano Cidade Jardim	2022	Palmeira imperial	<i>R. oleracea</i>	Fachada	Maria João D’Orey
Hera Perdizes	2024	Rabo-de-raposa	<i>Wodyetia bifurcata</i>	Fachada, horta, piscina	Beth Miyazaki

Nome do empreendimento	Inauguração	Nomes populares	Espécies utilizadas (a verificar)	Localização das palmeiras	Paisagista responsável
Highlights Dr. Nelson Moretti	2024	Rabo-de-raposa	<i>W. bifurcata</i>	Piscina, fachada	Marcelo Vassalo
Isla by Cyrela	2023	Rabo-de-raposa	<i>W. bifurcata</i> , genéricas	Entrada, piscina, espelho d'água,	Takeda Design
JK 360	2009	Palmeira-triângulo	<i>Dypsis decaryi</i>	Fachada	Benedito Abbud
Living Wish Mocca	2022	Palmeira imperial	<i>R. oleracea</i> , genéricas	Piscina	Takeda Design
Maison Cyrela Perdizes Residences	2025	Palmeira garrafa	<i>Hyophorbe lagenicaulis</i>	Espelho d'água, piscina	Benedito Abbud
Mosaic	2018	-	Genéricas	Piscina	Martha Gavião
Office Garden	2010	Jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Fachada	Roberto Riscalca
Panorama Vila Romana	2023	Tamareira-anã	<i>P. roebelenii</i> , genéricas	Piscina, praça interna	Peter Burmeister
Rail Pompéia	2006	Tamareira-anã, Jerivá	<i>P. roebelenii</i> , <i>S. romanzoffiana</i> ,	Alameda, piscina	Marcelo Faisal
Shopping Iguatemi	1966	Palmeira imperial	<i>R. oleracea</i>	Fachada	Não identificado
Villa Lobos Office Park	2010	Palmeira imperial, Tamareira-anã	<i>R. oleracea</i> , <i>P. roebelenii</i>	Fontes, alamedas	Rodolfo Geiser

Por fim, estão sendo realizados estudos de caso de projetos paisagísticos nos quais as palmeiras são protagonistas, com o objetivo de refletir sobre os significados simbólicos assumidos por estas plantas nos dias atuais. O primeiro empreendimento estudado foi o Shopping Iguatemi, um marco inaugural da relação entre palmeiras, consumo e mercado imobiliário; no presente momento, estão sendo analisados projetos recentes, tais como o “Fasano Cidade Jardim”, “Augusta Corporate” e o “Isla by Cyrela”, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas com viveiristas e visitas aos viveiros explicitaram que existem “tendências” no paisagismo – com determinadas espécies que entram e saem de moda de tempos em tempos – e estas tendem a valorizar as palmeiras exóticas. Assim, a primeira diferença notável entre o viveiro municipal e o viveiro comercial refere-se à escolha das espécies cultivadas. Enquanto o primeiro prioriza espécies nativas do Brasil ou da Mata Atlântica, seguindo diretrizes de legislação e políticas públicas voltadas à conservação da biodiversidade e valorização da flora nativa, o segundo opta por espécies exóticas, definidas pela demanda comercial – dentre as quais palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*), palmeiras das Canárias (*Phoenix canariensis*), tamareiras (*Phoenix dactylifera*) e rabos-de-raposa (*Wodyetia bifurcata*). Outra diferença é com qual objetivo cada um fornece suas plantas, com o viveiro municipal fornecendo para o uso no paisagismo das áreas públicas de São Paulo (como parques, instituições e vias públicas), enquanto o viveiro comercial fornece especialmente para empreendimentos particulares e de alto padrão, em geral comercializando as mudas já adultas (portes entre 5m e 20m), por conta da demanda dos clientes por plantas já grandes, que possuem maior destaque, fazendo com que os jardins apareçam “prontos” logo após a implantação.

O estudo de caso do Shopping Iguatemi, por sua vez, mostrou que as palmeiras imperiais são utilizadas para chamar atenção para o centro comercial. O Iguatemi foi inaugurado em 1966 na antiga Rua Iguatemi, depois transformada em Avenida Faria Lima; entre os anos 2000 e 2003, 14 palmeiras imperiais adultas foram plantadas junto à fachada frontal, dispostas em linha – em um projeto existente ainda hoje. Além de alguns vasos de flores e de pequenos trechos de cerca viva ladeando os canteiros, não há outras espécies vegetais de importância nesta composição. A escala das palmeiras

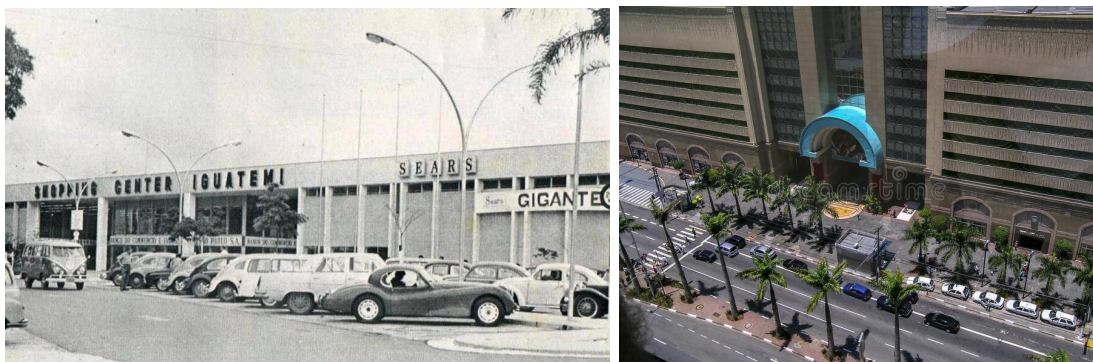
(que atingem até 25 m de altura, neste caso, com coroas de até 7m de diâmetro) e o ritmo criado pelos grossos estipes retilíneos e alinhados, contribuem para monumentalizar e engrandecer o shopping em relação aos outros empreendimentos na avenida, além de serem usadas em conjunto de modo a criar uma separação entre a calçada usada pelos transeuntes “comuns” e a entrada pela qual entram os consumidores. Também o canteiro central da Av. Faria Lima recebeu palmeiras imperiais, valendo-se do espaço público para reforçar o efeito da composição vegetal.

QUADRO 2. Principais espécies cultivadas nos viveiros

Viveiro Municipal Harry Blossfeld		Viveiro Portal das Palmeiras	
<i>Butia capitata</i> (N)	<i>Chamaedorea microspadix</i> (E)	<i>Ptychosperma elegans</i> (E)	<i>Archontophoenix cunninghamiana</i> (E)
<i>Euterpe edulis</i> (N)	<i>Phoenix roebelenii</i> (E)	<i>Ravenea rivularis</i> (E)	<i>Bismarckia nobilis</i> (E)
<i>Geonoma schottiana</i> (N)	<i>Phoenix canariensis</i> (E)	<i>Roystonea oleracea</i> (E)	<i>Dypsis decaryi</i> (E)
<i>Geonoma gamiova</i> (N)	<i>Raphis excelsa</i> (E)	<i>Tamareira híbrida</i> (E)	<i>Dypsis lastelliana</i> (E)
<i>Syagrus hoehnei</i> (N)		<i>Veitchia Merrillii</i> (E)	<i>Dypsis madagascariensis</i> (E)
<i>Syagrus oleracea</i> (N)		<i>Washingtonia filifera</i> (E)	<i>Hyophorbe verschaffeltii</i> (E)
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (N)		<i>Washingtonia robusta</i> (E)	<i>Phoenix canariensis</i> (E)
		<i>Wodyetia bifurcata</i> (E)	<i>Phoenix Dactylifera</i> (E)
		<i>Copernicia alba</i> (N)	<i>Phoenix Roebelenii</i> (E)
		<i>Butia capitata</i> (N)	<i>Phoenix sylvestris</i> (E)

(N) Espécies nativas do Brasil; (E) Espécies exóticas

FIGURAS 1 e 2. Shopping Iguatemi, fachada original (1966) e após reforma (2003)| Fontes: Estadão/ C. Alkmin



O levantamento de 18 empreendimentos de alto padrão – juntamente com as entrevistas com os paisagistas, o levantamento online e a análise do material coletado – demonstrou que, ainda hoje, as palmeiras continuam a ser utilizadas nos projetos, sejam eles residenciais ou corporativos. Dentre os pontos relevantes, destaca-se:

1) Ainda que as palmeiras imperiais estejam presentes em 4 dos 18 projetos levantados, hoje outras espécies são também utilizadas, como a rabo-de-raposa (*Wodyetia bifurcata*, 3 empreendimentos) e a tamareira anã (*Phoenix roebelenii*, 5 empreendimentos); são, em sua maioria, espécies exóticas, escolhidas por motivos como sua monumentalidade e exclusividade, além de possuírem características que as diferenciam, como um tronco texturizado ou folhas de formatos pouco usuais;

2) Utilizam-se pouquíssimas nativas – dentre as quais destacam-se os jerivás (*Syagrus romanzoffiana*), utilizados para preencher cotas ambientais, já que em geral ocupam menos espaço que

árvores. Quando nativas são utilizadas, elas ficam em posição de pouco destaque, como, por exemplo, canteiros internos pequenos, ou áreas menos nobres como playgrounds ou canteiros internos;

3) A maioria das palmeiras nos empreendimentos são plantadas na fachada (por terem a possibilidade de serem plantadas já adultas, dão uma aparência mais acabada aos jardins do empreendimento, possibilitando que ele corresponda às imagens de venda) ou em lugares com água, como espelhos d'água e piscinas (pois palmeiras são relacionadas à tropicalidade botânica e historicamente). Palmeiras imperiais e outras palmeiras de grande porte, com amplas coroas e estipes grossos, são situadas nos pontos de maior destaque do projeto, como fachadas e entradas, devido ao porte grande e coroas exuberantes; também são comumente encontradas em áreas com água, como chafarizes ou piscinas.

4) Em relação às formas de plantio, as configurações também mudam dependendo da “nobreza” da espécie escolhida; palmeiras maiores e mais caras (como a *Phoenix canariensis*, que pode chegar a custar R\$ 8.500 por metro) – que trazem ao cliente um sentido maior de “exclusividade” (termo usado por um dos paisagistas entrevistados) – são plantadas geralmente em alamedas perpendiculares aos edifícios, ou alinhadas à rua, acompanhando as fachadas. Já as palmeiras consideradas menos nobres, como jerivás e arecas, são plantadas para alcançar as exigências da chamada “cota ambiental” ou para cobrir um muro indesejado; nesse caso são plantadas em “zigue zague” para que formem um maciço de folhas a esconder o que está por trás delas.

5) Em relação aos materiais pesquisados – em sua maioria renderizações dos projetos, com finalidade publicitária e de vendas – verifica-se que as palmeiras usadas em grande parte não apresentam fidelidade às espécies reais, de forma que a sua representação se aproxima de palmeiras “genéricas”, misturando partes de diferentes espécies.

CONCLUSÕES

As palmeiras imperiais, desde sua chegada ao Brasil no século XIX, possuem grande importância e estão ligadas a simbologias de poder e distinção social. Hoje, elas continuam presentes no paisagismo brasileiro, ganhando novos significados. No Shopping Iguatemi, elas são utilizadas junto à fachada para dar grandeza e monumentalidade ao edifício, além de criar uma separação entre o consumidor e os transeuntes “comuns”, demonstrando o desejo de distinção social. Este desejo também pode ser visto em empreendimentos de luxo, que se valem de outras palmeiras consideradas nobres. As formas de plantio tendem a destacar as palmeiras exóticas enquanto elementos importantes da composição paisagística, enquanto palmeiras de menor prestígio são usadas de maneira acessória. Portanto, é clara a ligação das palmeiras, especialmente as exóticas, com uma reiteração do tradicional imaginário de grandeza e monumentalidade, características que, hoje, são ressignificadas e associam-se ao mundo do consumo e da mercadoria.

REFERÊNCIAS

- CARDIM, Ricardo. **Paisagismo sustentável para o Brasil: Integrando natureza e humanidade no século XXI**. São Paulo, Olhares, 2022.
- D'ELBOUX, Roseli M. **Uma promenade nos trópicos: os barões do café sob as palmeiras-imperiais**. *Anais do Museu Paulista*, v.14. n.2, jul-dez 2006, p. 193-250. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000200007>. Acesso em 23 de set. de 2022.
- GROSSI, V., BRAIDA, F., ABDALLA, J. **Imaginário urbano e consumo na cidade contemporânea**. Anais II Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade. Disponível em <<http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east1.amazonaws.com/engineeringproceedings/viicincici/30.pdf>>. Acesso em 23 de set. de 2022.
- LORENZI, Harri. **Flora Brasileira: Arecaceae**. São Paulo, Plantarum, 2010.
- SILVA, Armando. **Imaginários, estranhamentos urbanos**. São Paulo, SESC, 2014.
- SODRÉ, José Barbosa. **Morfologia das palmeiras como meio de identificação e uso paisagístico**. 2005. Tese - Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 2005. Disponível em: <<https://www.ceapdesign.com.br/sodre.pdf>>. Acesso em 25 de set. de 2022.